

Muniz de Aragão

— Patrono

da Veterinária Militar

Gen Bda
ESTEVÃO ALVES CORREIA FILHO

A 17 de junho, comemoramos o centenário de nascimento do Tenente-Coronel João Muniz Barreto de Aragão, insigne Patrono do Serviço de Veterinária, nascido na velha província da Bahia, berço das tradições nacionais. Seus pais foram: Antonio Muniz Barreto de Aragão, Barão de Mataripe, titulado por decreto de 12 de janeiro de 1884, moço fidalgo com exercício na Casa Imperial, Fidalgo Cavaleiro, Cavaleiro da Real Ordem de Cristo de Portugal e Comendador da Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém, e D. Maria Tereza Muniz de Aragão, Baronesa de Mataripe.

Dentre os inúmeros representantes de sua progênie ilustre relembramos: Francisco Muniz Barreto, filho do Tenente-Coronel Luiz Antônio Muniz Barreto da Silveira, estudante de humanidades, com destino ao Curso de direito da Universidade de Coimbra, assenta praça e luta pela independência da Bahia como Cadete da Arma de Artilharia. Com-

bate como Tenente, no Rio Grande do Sul, de onde regressa em 1829. Cavaleiro da Ordem do Cruzeiro e condecorado com a Medalha de Guerra da Independência. Deixou escritos e conhecidos 17 trabalhos literários. Foi também, de 1829 a 1833, redator do "Diário do Rio."

Marechal Domingos Alves Branco Muniz Barreto, baiano, nascido em meados do século XVIII e falecido no Rio de Janeiro, em 19 de junho de 1831, herói na guerra da independência, ocupou o cargo de vogal do Conselho Supremo Militar. Comendador da Ordem de São Bento de Aviz. Orador de renome, foi o brasileiro que sugeriu o título de Imperador, e não de Rei, a D. Pedro I. Legou ao Brasil copiosos trabalhos de direito de geografia, de agricultura, de literatura e de história;

Joaquim Anselmo Alves Branco Muniz Barreto, filho do desembargador de mesmo nome, nascido na Bahia em 1800, e fa-

lecido no Rio de Janeiro em 1885, formou-se em direito pela Universidade de Coimbra. Deputado em duas legislaturas, durante dez anos, pelo Rio de Janeiro, foi decano do jornalismo e magistrado. Foi redator do "Correio Mercantil" e legou interessantes trabalhos sobre a fundação do Império do Brasil.

Os ascendentes de Muniz de Aragão, com suas vidas brilhantes, deixaram nos nossos dias os seus representantes que continuam não desvirtuando essa genealogia ilustre. Mas entre estes e aqueles, a pontificar-se, encontramos a figura impar do próprio Muniz de Aragão, por isso que, embora nascido em berço de ouro, não permitiu que facilidades aliantes de uma época conturbassem a visão panorâmica do futuro.

VIDA MILITAR

Nasceu a 17 de junho de 1874 em Santo Amaro, Bahia.

Nomeado em 20 de novembro de 1900 médico adjunto, em exercício de 7 de dezembro de 1900; Praça de 23 de abril de 1901; Capitão de 27 de agosto de 1908; Major de 27 de outubro de 1914, por merecimento; Tenente-Coronel por merecimento, de 9 de julho de 1919. Falecido em 16 de janeiro de 1922, no Rio de Janeiro.

Inicia seus trabalhos na profissão aos 23 anos, seguindo como interno dos hospitais, para o interior do sertão em campanha federal. Nomeado médico adjunto do Exército, é designado para

servir em Santa Catarina, regressando ao Rio em 1901 para prestar concurso de admissão ao Corpo de Saúde do Exército, obtendo o 3.º lugar e sendo nomeado 1.º-Tenente médico. Serve nos três anos iniciais de sua carreira no Hospital Central do Exército, na Enfermaria Militar de Nioaque, na Fortaleza de Santa Cruz, no Forte de Imbuí e na Escola Militar, em todos os lugares deixando trabalhos de relevo. Em 1904, foi designado para servir no Laboratório Militar de Bacteriologia, hoje Instituto de Biologia do Exército, onde encontra campo para seus trabalhos experimentais.

O CIENTISTA

Nesse Instituto, começaram as primeiras pesquisas da veterinária militar, trabalhos esses transferidos em 1914, para o Laboratório da Escola de Veterinária do Exército. Em 1906, candidata-se à Academia Nacional de Medicina, com trabalho sobre cirurgia das hérnias, tese que teve o seu parecer elaborado pelo Professor Abreu Fialho. Mas, a grande glória de Muniz de Aragão, foi a publicação de memória original "Contribuição ao estudo do mormo no homem", que obteve menção de aprovação e distinção do Conselho Superior de Saúde, conforme publicou a Ordem do Dia n.º 7, de 5 de fevereiro de 1907. Nesse mesmo ano, na Academia Nacional de Medicina, trava discussão com o Dr. Antonio Ferrari a respeito das más condições sa-

nitárias da guarnição federal do Rio de Janeiro, motivada pela incidência da malária. Firmado como cientista, é designado pela Academia Nacional de Medicina para estudar no Município de Cantagalo — Estado do Rio de Janeiro, a febre aftosa que grassava epizooticamente entre os rebanhos, tendo demonstrado profundos conhecimentos experimentais. Essas pesquisas vêm comprovar os seus estudos feitos de 1904 a 1907, que culminaram com as extinções de enzootias e a fundação da Escola de Veterinária do Exército.

Para termos uma idéia do estado calamitoso em que se encontrava a cavalaria das Unidades montadas, basta citarmos que nos Corpos e Estabelecimentos militares do Rio de Janeiro, a situação era a seguinte: ano de 1908, entre 608 cavalos, 550 eram mormosos; ano de 1909, entre 952 cavalos, 149 eram positivos para mormo, já havendo início de decréscimo de casos.

Muniz de Aragão é, nesse ano de 1908, nomeado para os trabalhos especialmente veterinários, poucos meses antes de ser promovido a Capitão.

Prosseguem, então, seus trabalhos de combate a uma multiplicidade de doenças infecciosas e parasitárias, num período de 12 anos, numa campanha sanitária que custou aos cofres públicos a soma de 10.000 contos de réis.

Dessa Campanha, originou a progressiva redução da incidência do mormo de 25% para su-

cessivamente 19%, 9%, 7% e 0%, segundo as estatísticas levantadas pelo nosso patrono.

O seu último trabalho de saneamento foi elaborado em cumprimento ao Aviso Ministerial (Ministério da Guerra), n.º 1.450, de 10 de novembro de 1919, tendo esses trabalhos sido prolongados até 1920.

O IMORTAL

Sua vida, tida como modelo de trabalho, tenacidade e persistência, não poderia encerrar com a sua morte.

Já desde cedo, em 1906, imortalizara-se ao ser admitido como membro da Academia Nacional de Medicina, tendo sido seu secretário, no biênio 1909-1910.

Em 1922 é criado o prêmio Dr. Muniz de Aragão, a ser conferido ao aluno, cujo aproveitamento e mérito nos três anos do curso da Escola de Veterinária do Exército, o torne "primus inter pares" de sua turma.

Em 1940 é considerado Patrono do Serviço de Veterinária do Exército, por ter prestado ao Exército assinalados serviços, consagrando à Veterinária Militar persistentes e eficazes esforços para a fundação e desenvolvimento do respectivo serviço.

É confirmado como Patrono do Serviço de Veterinária pelo Dec. Lei n.º 51.429, de 13 de março de 1962.

A sua imortalidade, se não bastassem os trabalhos deixados, está expressa em frase gravada

em herma erigida na Escola de Veterinária, legenda de Waldemiro Pimentel: "Vivo, bem vivo é quem morto, o bronze perpetua".

O CARÁTER

Ao ser saudado pelo Presidente da Academia Nacional de Medicina, Professor Azevedo Sodré, são salientadas a persistência e a tenacidade do Dr. Muniz ao entrar para a Academia, provando as qualidades fortes do seu caráter.

Ao ser posto à disposição do Ministério da Agricultura para organizar o Serviço de Defesa Sanitária Animal, o Diretor do Laboratório Militar de Bacteriologia manifesta "o seu pesar por ficar a respectiva diretoria privada de tão poderoso auxiliar, o qual, por sua assiduidade, desvelado amor ao trabalho, capacidade profissional e lealdade, torna-se merecedor da mais alta estima e consideração".

Defende seus pontos de vista com ardor e trava longa discussão na Academia de Medicina sobre a febre aftosa, em que também tomam parte os professores Fernando Magalhães, Henrique Autran e Henrique de Sá.

A respeito da contratação de veterinários, em vigor até 1910, defende a necessidade da diplomação no Curso de Veterinária. Chega mesmo a dizer, em conferência no Clube Militar em 1918, comentando o Aviso de 1.º de dezembro de 1911, que isentava do diploma científico aqueles que

apresentassem atestados ou justificações fornecidas por pessoas competentes. E diz com energia: "Que fossem aproveitados os que já serviam ao Exército, creio que era um ato de justiça; mas abrir as portas a qualquer que quisesse vir fazer um concurso, munido somente de um atestado qualquer, era burlar tão auspiciosa iniciativa e embaraçar o futuro de uma instituição, que acabava de ser criada".

Defende seus pupillos com veemência, mesmo naqueles anos iniciais, contra os entendidos da época, que interferiam até nos tratamentos dos cavalos, buscando sempre na ciência a base dos seus argumentos e dizia: "Viram os que nos ouvem quão prejudicial são estes elementos conhecidos por entendidos, e chamados pelos franceses "Les hommes de cheval", e para que deles nos livremos, precisamos antes de tudo, tratar da instrução do veterinário. E completava: "Meus senhores, o problema da instrução do veterinário é bastante sério por qualquer lado que seja ele encarado. O irracional é um ser organizado, possui uma engrenagem completa e complexa a sua organização; por conseguinte, se ninguém, sem o conhecimento de determinada máquina e pode dirigir, sem tirar dela o rendimento que pode fornecer, não se deve admitir que seja improvisado o indivíduo que tem de se ocupar desta outra máquina, animada, é verdade, sem o prévio conhecimento da sua estrutura e das suas falhas, do seu funcio-

namento e dos que pode se servir para corrigi-los e modificá-los".

O MESTRE

Após ingentes esforços conseguiu a implantação do Curso Prático de Veterinária do Exército no quartel, sito em São Cristóvão, a 17 de julho de 1914, célula inicial desta Escola e do Serviço de Veterinária.

Ao diplomar a primeira turma de veterinários, em dezembro de 1917, onde são formados 6 dos 11 matriculados, dita verdadeiras aulas do bom caminho a seguir. Disse: "Solidificai, pois, o vosso espírito, preparai o vosso temperamento para que, da vossa inquebrantável resistência, reconfortada pela abnegação, pelo sacrifício, pelo amor à vossa classe, consigais vos desobrigardes das vossas responsabilidades".

A efetivação da instituição do ensino veterinário, a extinção das enzootias reinantes na cavahada do Exército desde o Brasil colônia e a redação e execução do primeiro código sanitário animal são os pontos altos de sua vida em proveito da Pátria.

O ORGANIZADOR

Posto à disposição do Ministério da Agricultura, organiza o Serviço de Defesa Sanitária Animal daquele Ministério e soluciona numerosos problemas sanitários e econômicos da produção animal.

Em 1912, apresenta ao Governo, por intermédio da Acade-

mia Nacional de Medicina, judiciosas conclusões sobre as condições dos estábulos do Rio de Janeiro. Essas conclusões são até hoje de alto tino científico e entre elas salientamos:

- a) proibição dos estábulos;
- b) exame sistemático do gado e criação do Hospital Veterinário;
- c) tuberculização sistemática do gado;
- d) organização de laboratório de pesquisas completo para análise de leite e produtos lácteos;
- e) leite filtrado, pasteurizado e homogeneizado.

Nessa mesma época, apresentou, na Academia de Medicina, trabalho sobre Laboratório Nacional de Análises a propósito de projeto em discussão no Congresso Nacional.

Em agosto de 1915, funda com os Drs. Alvaro Tourinho, Arthur Lobo, Moreira Sampaio, Murilo de Campos, Afonso Ferreira, Alarico Damasio, Alves Cerqueira e outros, a Sociedade Médica Cirúrgica Militar, sendo designado orador para a sessão inaugural dessa Sociedade.

O seu tino de organização está sintetizado nas três idéias básicas citadas em seu discurso de inauguração desta Escola a respeito da criação animal.

Disse ele: "Três são os elementos principais para o seu desenvolvimento prático: bons profissionais, boa política sanitária dos animais e bons campos de cultura forrageira".

O POETA

Seus discursos e conferências demonstram a sua veia poética ao lado de uma modéstia invulgar. Ao discursar em 1915 na sessão inaugural da Sociedade Médico-Cirúrgica Militar, assim expressou como orador oficial:

"De um lado a sua figura insignificante em um frágl batel, entregue ao acaso, ao tudo, ao nada, no selo das ondas embaladas pelo incessante vaivém, provocado pelo oscular constante das brisas fagueiras; de outro, a convicção serena e tranqüila da onipotência divina e, desta comparação, lhe vem a ciência de sua inferioridade, que o esmaga, que pulveriza".

E mais adiante:

"Mas as minhas palavras não transfundem o murmúrio harmonioso e cadenciado das vagas osculadas pela brisa feiticeira, em suas eternas carícias, com que possa cantar hosanas à vossa obra; nem tampouco tem o brilho que espalha o astro vivificante; centro de mobilização de tantos planetas, gerador de vida, de luz e beleza sem conta, com que eu possa fazer brilhar e realçar a obra vossa, e assim dizer sinceramente, o que em meu espírito se avoluma neste momento, acerca de vossa grande e humanitária criação".

Ao agradecer a inauguração de seu retrato, em 1917, na Sala de Aula Dr. Muniz de Aragão, assim se expressou:

"O sol a brilhar aqui entre nós deve ter os raios puros e diá-

fanos, como os que iluminam, nas soberbas manhães, primaveris, os pincaros das nossas verdejantes colinas; deve ter essa inefável beleza que a natureza nos proporcionou para admirarem os nossos hóspedes".

E ao encerrar o discurso de inauguração da Escola de Veterinária, disse:

"Acabamos de despertar alegres de um sonho, em uma manhã risonha, tão comum em o nosso país, na qual não se sabe o que mais admirar, se o brilho ofuscante do sol que nos visita, se o quadro sedutor que a terra oferece aos ósculos do astro-rei; e é por isso que ousamos vos dizer que, devido a este concerto mavioso que nos inebria, ao prazer tangendo harpas em nosso coração, que transborda de sonoras melodias, alegres, triunfais, é que nos animamos a vir à vossa presença, com certeza indulgente, para celebrarmos, para comemorarmos, ao alcance das nossas forças, a inauguração da nova instalação da Escola de Veterinária do Exército".

O PLANEJADOR E ADMINISTRADOR

O nosso patrono era um planejador e administrador de escol e assim dizia:

"Não se limitem somente à ação de curar e zelar pela saúde dos animais da tropa, os serviços do veterinário de um exército moderno; as suas funções são hoje (e isto em 1917) mais importantes ainda.

Na recente guerra, vimos as nações mais cultas, como a França, destacarem um grupo de profissionais veterinários, aperfeiçoados durante a paz nos seus conhecimentos, para se encarregarem da fiscalização, em países estrangeiros e no próprio território, das conservas dos principais gêneros alimentícios, quer para os homens, quer para os irracionais”.

E mais adiante:

“Não queremos com isto dizer que as instalações existentes satisficam por completo às necessidades do ensino. Possui a Escola o primordial à instrução dos alunos; ressen-te-se, porém, ainda, da falta de certas dependências, como sejam: a sala para um museu, uma sala mais vasta para aulas, de um laboratório para zootecnia e bromatologia, uma enfermaria para isolamento, etc. mas isto virá com o tempo”.

E em 1918 concluía uma conferência:

“Precisamos em tempo de paz:

- Preocupar-nos com o preparo do pessoal;
- Precisamos porém de uma enfermaria veterinária;
- Autonomia, sob o ponto de vista técnico do serviço veterinário;
- Criação das enfermarias veterinárias regimentais;
- Reorganização do quadro;

— Organização dos postos de remonta, sob uma direção técnica;

— Organização do serviço de ferradores”.

A sua administração está comprovada pela sua prestação de contas ao passar o Comando desta Escola:

“Entrego-vos, além do material existente, mais de 50 contos de réis em material e instalações completamente novas, cerca de 100 contos ainda da verba obtida para esse fim, a verba para quantitativo e luz; edificios novos e belos construídos de acordo com as idéias mais em voga no mundo científico, outros a serem construídos, tudo em grande parte, permitam que diga, obtido, graças à confiança que nós, peregrinos dessa jornada, soubemos alcançar”.

Ao encerrar estas breves palavras, ditas mais por Muniz de Aragão pois são simples transcrições de seus trabalhos e discursos, para não fugir das suas idéias e ser fiel aos pensamentos emitidos, não poderia furtar-me ao dever de deixar patente que a gratidão dos veterinários ao nosso Patrono perdurará até a eternidade, comprovando Schiller:

“A glória é o mais alto bem
O corpo há muito é poeira
E o nome ecoa além”

BIBLIOGRAFIA

- Vulto da História Militar do Brasil — Waldomiro Pimentel — 1942;
- Os Patronos das Forças Armadas — Olyntho Pillar — 1966;
- História e Organização do Serviço de Veterinária do Exército — Waldomiro Pimentel.